



PERSPECTIVAS
REVISTA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA
DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS

VOL. 10, Nº 2, 2025, P. 170-174
ISSN: 2448-2390

CAVARERO, A. *Olha-me e narra-me*. Filosofia da narração. Trad. Milena Vergas. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2025. 221 p.

DOI: 10.20873/rpvn10v2-48

Judikael Castelo Branco

E-mail: judikael79@hotmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4551-2531>

Publicado originalmente em 2009, chega enfim aos leitores brasileiros a tradução da filosofia da narração de Adriana Cavarero. A longa demora dessa edição entre nós é tão incompreensível quanto a persistente ausência, em língua portuguesa, de outras obras da autora – lacuna difícil de justificar, considerando que Cavarero se destaca não apenas como uma proeminente intérprete de Platão e de Hannah Arendt, mas sobretudo como filósofa original e teoricamente fecunda, cujo pensamento atravessa e articula diferentes campos de investigação, oferecendo contribuições decisivas para o debate contemporâneo em filosofia política e no pensamento feminista.

Em *Olha-me e narra-me*, Cavarero desenvolve uma reflexão filosófica de grande originalidade, voltada para a crítica das categorias fundamentais da tradição metafísica ocidental e para a formulação de um “estatuto ontológico do si narrável” (p. 59), quer dizer, de uma ontologia da singularidade humana fundada na relação. Nesse sentido, a obra propõe uma inversão decisiva do modo como a filosofia pensou historicamente a identidade: em vez de concebê-la como algo enraizado na interioridade do sujeito ou na autoconsciência reflexiva, Cavarero sustenta que o “quem” de uma vida emerge apenas na exposição ao outro, isto é, no olhar que reconhece e na palavra que narra.

Desde o início, a autora se posiciona contra a hegemonia do paradigma do sujeito autônomo, autossuficiente e transparente a si mesmo. Esse paradigma, segundo ela, não apenas estrutura a metafísica clássica, mas continua operando de forma decisiva em concepções modernas e contemporâneas de identidade, inclusive em versões aparentemente críticas da tradição. A pergunta filosófica dominante – “o que é o Homem?” (p. 16) – revela-se, nesse sentido, sintomática: ao buscar a essência ou a definição universal do humano, a filosofia teria sistematicamente eclipsado a singularidade irreduzível de cada existência concreta.

O alvo principal dessa crítica é a primazia do “o que” (*quid*) sobre o “quem” (*quis*). O “o que” remete a propriedades, qualidades, funções ou pertencimentos categóricos; o “quem”, por sua vez, diz respeito à unicidade de uma vida que não se deixa reduzir a predicados gerais. Para Cavarero, a identidade humana não coincide com um conjunto de atributos, mas com a história singular de uma existência, marcada por eventos contingentes, relações assimétricas e uma exposição constitutiva à alteridade.

Nesse ponto, a interlocução com Hannah Arendt é central. Cavarero retoma a distinção arendtiana entre o que alguém é e quem alguém é, distinção elaborada sobretudo em *A condição humana*, onde Arendt sustenta que o “quem” se revela na ação e na palavra, no espaço público da pluralidade. No entanto, Cavarero desloca e radicaliza essa perspectiva ao enfatizar que a identidade não se revela apenas no agir, mas em especial na narração da vida. Não somos apenas agentes que se manifestam; somos, antes, seres cuja singularidade se torna inteligível quando alguém conta a nossa história.

Essa inflexão conduz ao núcleo conceitual da obra: a identidade narrativa. Para Cavarero, a narração não deve ser confundida com autobiografia, introspecção ou reconstrução racional da própria trajetória. Ao contrário, a narrativa da vida é sempre, ao menos em parte, obra de um outro. Cada indivíduo vive sua vida em primeira pessoa, mas não pode apreendê-la como um todo coerente; apenas o outro, situado fora da imediaticidade da experiência vivida, pode recolher os fios dispersos de uma existência e narrá-los como história.

O imperativo “olha-me e narra-me”, que dá título ao livro, expressa precisamente essa condição ontológica. Ele não designa um pedido psicológico de reconhecimento nem um apelo

moral contingente, mas a estrutura relacional da identidade humana. Ser visto e ser narrado não são atos suplementares, posteriores à constituição do sujeito; são, ao contrário, condições originárias do aparecer humano no mundo. A singularidade não é algo que o indivíduo possui, mas algo que se manifesta na relação com outros, no espaço entre o olhar e a palavra. Segundo as palavras da autora: “a unicidade é sempre um *dado*, um *doador*” (p. 33).

A narração da vida preserva, ademais, uma dimensão essencial de contingência. Diferentemente dos discursos explicativos ou causais, a narrativa não elimina o acaso nem submete os acontecimentos a uma racionalidade totalizante. Ela acompanha a imprevisibilidade dos eventos e respeita a opacidade parcial da existência. Nesse sentido, a narrativa constitui uma forma de inteligibilidade não violenta, que resiste à tentação de reduzir a vida a um esquema conceitual ou teleológico. Nesse sentido, o que se propõe é, de fato, uma revisão da tradição intelectual do Ocidente, excessivamente concentrada “no discurso sobre o universal, abstrato e numa lógica definidora” (p. 85), isto é, a releitura de mais de vinte séculos de uma cisão radical, operada já na aurora do pensamento filosófico, entre filosofia e narração (p. 85). Cisão que, na visão cavareriana, é, antes de tudo, a expressão de uma “tragédia masculina” (p. 85).

Essa concepção tem implicações éticas profundas. Ao recusar a autonomia como autosuficiência, Cavarero afirma a vulnerabilidade como traço constitutivo do humano. Desde o nascimento, a vida humana é exposta: depende do cuidado de outros, do acolhimento, da nomeação, da escuta. A identidade não se forma apesar dessa dependência, mas precisamente por meio dela. A vulnerabilidade deixa de ser um déficit a ser superado e passa a ser reconhecida como condição originária da singularidade.

É nesse ponto que o pensamento de Cavarero se articula de modo particularmente fecundo com a crítica feminista. A autora mostra como a tradição filosófica associou valor, racionalidade e universalidade a um ideal de sujeito desvinculado da corporeidade e da dependência – ideal esse historicamente marcado por uma perspectiva masculina. Ao recolocar a corporeidade, a exposição e a relacionalidade no centro da ontologia, Cavarero contribui para uma reconfiguração do próprio horizonte do pensamento filosófico, sem recorrer a essencialismos ou identidades fixas. Portanto, é também o caso de iluminar uma outra racionalidade, segundo o

exemplo de Penélope, baseada não na mútua colisão de ideais, mas no confronto entre narrativas de vida.

Do ponto de vista político, *Olha-me e narra-me* oferece instrumentos conceituais relevantes para repensar o reconhecimento, a exclusão e a violência. Se a identidade se constitui narrativamente, então a negação do olhar, o silenciamento e a imposição de narrativas que apagam a singularidade configuram formas radicais de desumanização. A violência não se exerce apenas sobre corpos ou direitos, mas também sobre histórias: impedir alguém de ser narrado – ou reduzi-lo a um estereótipo – significa negar-lhe o estatuto de “quem”.

Ainda assim, a proposta de Cavarero não está isenta de tensões. Pode-se questionar se a centralidade atribuída ao outro narrador não pressupõe uma relação excessivamente harmoniosa ou ética, negligenciando o fato de que as narrativas são atravessadas por relações de poder. Quem narra? A partir de que posição? Com que autoridade? Embora Cavarero reconheça esses riscos, sua ênfase permanece normativa: trata-se menos de descrever as práticas narrativas concretas do que de afirmar uma exigência ética inscrita na própria condição relacional do humano. É o que fica particularmente destacado na “amizade narrativa” entre Emília e Amália na periferia de Milão, um dos temas da segunda parte do livro, intitulada “Mulheres” (cf. p. 88-105).

O livro de Cavarero é desafiador por muitas razões. Queremos realçar duas em especial. Primeiro, ele se propõe a escrever uma rota alternativa à história intelectual do Ocidente. Se esta se reconhece, por exemplo, no diálogo entre a Esfinge e Édipo, bem como na resultante afirmação do Homem, enquanto universal que solicita uma definição, Cavarero recorda que “para Édipo, na verdade, *quem* ele é resulta do relato que os outros lhe fazem de sua história de vida” (p. 24). Opõem-se, assim, desde o início de nossa tradição intelectual, as figuras do filósofo e do narrador. Ademais, essa reconstrução permite a valorização de outras personagens igualmente fundamentais nessa história. É o que fica evidente na constelação de mulheres que o livro evoca, todas menos interessadas no conhecimento abstrato do que na narrativa de histórias de vida. É nesse sentido que o nome de Karen Blinxen funciona como uma espécie de *inclusio* no interior do qual se perfilam, por exemplo, Hannah Arendt, Muriel Rukeyser, Virginia Woolf, Gertrude Stein, mas também personagens como Penélope e Sherazade.

Em síntese, *Olha-me e narra-me* constitui uma contribuição decisiva para a filosofia contemporânea. Ao articular ontologia, ética, política e crítica feminista em torno da noção de singularidade narrativa, Adriana Cavarero propõe uma alternativa robusta às filosofias do sujeito e da identidade substancial. Sua obra convida a pensar o humano não como interioridade soberana, mas como existência exposta, vulnerável e irredutivelmente relacional – alguém que só se torna plenamente “quem é” quando outro o olha e o narra.

Recebido em: 30-12-2025

Aprovado em: 20-01-2026

Judikael Castelo Branco

Doutor em Filosofia pela Universidade Federal do Ceará (UFC) e pela Université de Lille (UL). Atua nos Programas de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal do Ceará e da Universidade Federal do Tocantins.